

O MILAGRE DO CARIRI E O ENIGMA DO PADRE CÍCERO

Enéas ATHANÁZIO

Mesmo caminhando debaixo de um sol calcinante e com as solas dos sapatos ameaçando derreter no calor das calçadas, meu amigo Napoleão Tavares Neves, médico na cidade de Barbalha, gosta de fazer frases. "Assim como o Egito é uma dádiva do Nilo, - diz ele, enquanto percorremos a Rua do Vidéo - o Vale do Cariri é uma dádiva da Chapada do Araripe." Ele aponta para a mancha azulada no horizonte, onde se eleva a grande floresta que conserva a umidade necessária para manter o verdor da região, verdadeiro oásis no Sertão cearense, onde se desenvolvem cidades do porte do Crato e Juazeiro do Norte.

Além de ter sido premiado pela natureza, o Vale do Cariri, cujo nome deriva dos índios que o habitavam, é o palco de um dos mais curiosos fenômenos de misticismo popular de que se tem notícia, objeto de permanentes estudos e de uma bibliografia que supera os duzentos títulos, inclusive estrangeiros e assinados por grandes brazilianists. E que também alimenta uma polêmica sem fim.

Tudo começou em 1872, quando fixou residência no povoado do Juazeiro, pobre arruado onde imperavam a miséria e a violência, o jovem Padre Cícero Romão Batista (1844/1934), então com 28 anos de idade. Nomeado capelão da capela de Nossa Senhora das Dores, desenvolveu intensa atividade social e religiosa, restabelecendo "a ordem e os bons costumes do ambiente, acabando pessoalmente com os excessos de vadiagem e bebedeira que se disseminavam no lugar", como escreveu o historiador Daniel Walker. Austero, rigoroso e frugal, falando a linguagem do povo local, Padre Cícero não tardou a se revelar o líder nato que era. Aconselhando, orientando e, acima

de tudo, apaziguando, sua "presença naquele lugarejo representava uma grande esperança de mudança", segundo anotou aquele escritor. E realmente, o povoado e a região começaram a sentir os primeiros bafejos do progresso.

Mas o destino do novo pároco lhe reservava uma surpresa que o marcaria por toda a vida e até mesmo muito depois dela. Em 6 de março de 1889, ao ser ministrada a comunhão à "beata leiga" Maria de Araújo, ela não pôde engolir a hóstia porque se transformou numa substância hematóide de cor vermelha, isto é, em sangue. O fato se repetiu diversas vezes na presença do público e foi testemunhado por padres, médicos e um farmacêutico. Não encontrando explicação científica, a ocorrência foi considerada sobrenatural. Era o milagre do Juazeiro.

Embora mantido em segredo no princípio, o estranho acontecimento ganhou a boca do povo, foi explorado pela imprensa e acabou proclamado em público pelo Monsenhor Francisco Monteiro, reitor do Seminário do Crato. Começaram, então, as romarias dos fiéis, cada vez maiores, e que se repetem até hoje, levando a Juazeiro do Norte milhares de pessoas. Nascia a "religião popular" a que aludiu o brazilianist Ralph Della Cava e a onda de fanatismo religioso que culminariam com a excomunhão do próprio Padre Cícero. "Maria de Araújo torna-se santa, as outras beatas o veículo de propagação do novo mistério. Anunciam para o povo que aflui a Juazeiro o testemunho do aparecimento do sangue nas hóstias, dos diálogos da santa com Jesus e Maria Santíssima, propalam a divindade do Padre Cícero e chegam ao ponto de falsificar milagres que consistiam no sangramento de crucifixos e hóstias sangrando, conversas com santos, o anunciar de um novo mistério e, ainda, profecias apocalípticas para redimir e/ou punir os pecadores"- escreveu Renato Dantas.

Diante de tal histeria, o bispo do Ceará, D. Joaquim José Vieira, já irritado com aquilo tudo e temeroso da formação de uma "Igreja dentro da Igreja", nomeia duas comissões de inquérito para averiguarem os fatos. A primeira delas, para sua surpresa, concluiu pela procedência dos milagres. A segunda, depois de fazer a "beata" Maria de Araújo comungar por três dias consecutivos na presença de testemunhas, sem que nada de anormal acontecesse, concluiu pela falsidade dos milagres. Muitos padres e "beatas" se retrataram, retirando afirmações anteriores.

Com o encerramento do segundo inquérito começam os padecimentos do Padre Cícero. Segundo o historiador Padre Neri Feitosa, nunca um religioso recebeu tantas e tão pesadas punições, submetendo-se humildemente a todas elas. Sofreu 16 "censuras", entre elas a proibição de benzer, de receber visitas, de celebrar missas, de dar a comunhão e até de falar com as pessoas de casa! Como se isso não bastasse, foi compelido a desmentir-se em público mais de uma vez, exilar-se de sua paróquia e, naturalmente, o fecho da excomunhão. Inconformado com isso, lutou até a morte para reaver suas ordens, sem qualquer sucesso.

Convencido de que não as recuperaria, entra o Padre Cícero num inevitável processo de "coronelização". Assessorado pelo médico baiano e rábula Floro Bartolomeu da Costa, seu lugar-tenente, conseguiu criar o município do Juazeiro, desmembrado do Crato, e se elegeu, sucessivamente, prefeito, 3º e depois 1º Vice-Presidente do Estado, e deputado federal, cargo que não assumiu. Consegue amealhar grande fortuna, integrada por inúmeros imóveis e outros bens, que testaria na quase totalidade à ordem religiosa de que fizera parte.

Juazeiro do Norte, a sua cidade, se transformou em santuário. Ele a desejava festiva, alegre, descontraída. Que fosse "um lugar de refúgio e um colo materno para os desvalidos da sorte e oprimidos pela prepotência dos gananciosos", que fosse "um refúgio dos naufragos da vida", relata Neri Feitosa. O povo simples retribuiu e cada vez mais reverencia sua memória. A cidade chega a receber 50 mil romeiros em certas épocas do ano e os milagres atribuídos ao Padre Cícero contam-se aos milhares, atestados nos locais de guarda dos ex-votos. Como disse Nelson Barbalho, ele é o "santo padrinho de todo nordestino lascado da vida que não tem a quem apelar." Os cantadores e violeiros não se cansam de celebrá-los em versos e os "causos" sobre ele são incontáveis.

Em sua homenagem a cidade erigiu o Memorial que conserva o acervo que lhe pertencia (objetos pessoais, fotos, documentos, livros, folhetos, etc.) e o Monumento do Horto, o terceiro maior do mundo e o segundo do Brasil, onde os crentes não param de chegar, vindos de toda parte, nas mais precárias condições de saúde, movidos por uma fé inabalável.

Desde sua entrada em cena, o Padre Cícero vem provocando discussões intermináveis. Existe toda uma bibliografia "pró" e

"contra", as pessoas se posicionam na acusação ou na defesa. Para Rui Barbosa, por exemplo, ele foi um "sacerdote precito, que trocou o verbo de Cristo na palavra da guerra fratricida" e para Euclides da Cunha foi "um heresiarca sinistro"; mas para o filósofo Huberto Rohden "Padre Cícero foi um homem de oração - e isto explica tudo" e para D. Hélder Câmara "santo ele era." Seus adversários o acusaram, entre outras coisas, de fazer revolução armada, de colaborar com Antônio Conselheiro, de Canudos, de se relacionar com Lampião, de tentar subornar cardeais, de cometer profanações e por aí a fora. Mas os defensores, por seu lado, argumentam que ele, embora rico, sempre viveu frugalmente, usando a fortuna em favor dos pobres, fez voto de virgindade e manteve-se casto durante toda a vida, nunca tendo "vivido de portas a dentro" com alguma mulher, como era comum, pacificou e civilizou o Cariri, aceitou sem revolta as severas punições e, acima de tudo, o fato de ter legado todos seus bens à congregação a que pertenceu. Ele próprio, em seu testamento, negou com ênfase qualquer participação em revoluções ou atos violentos.

Em novembro do ano passado, na companhia do Prof. João Fernando Maciel, de Caruaru, estive em Juazeiro do Norte. Testemunhei, então, as mais comoventes e curiosas manifestações de fé. As procissões de beatos, vestidos em trajes apropriados, ainda que modestos, subindo a Serra do Horto, entoando cantos ao ritmo de tambores; pessoas andando de joelhos ou carregando doentes no pagamento de promessas; rezadores isolados ou em grupos, barulhentos ou balbuciantes, em busca de uma graça; aqueles que colocam fotos, muletas, aparelhos de prótese e coisas do gênero nos locais a isso destinados; as velas acesas, as imagens muito procuradas, os livros e folhetos que são levados para longe. E até mesmo o romeiro bizarro, que, segundo contam, subiu pelos botões do Monumento e lá do alto, caminhando sobre a mão da estátua, entoava cantos e rezas.

Indiferente à controvérsia, seguro na sua crença, o romeiro reverencia o seu "santo" e se agarra ao "padrinho" nos momentos de desgraça. E lá retorna sempre, para pedir ou agradecer, cada vez em maior número. Embora perseguida e combatida há mais de um século, a religião popular do Padre Cícero cresce e se fortalece sem cessar. É mais uma confirmação do que disse Monteiro Lobato - fé combatida é fé vitoriosa.